

Dossiê

Editorial

Divulgação e cultura científica - Carlos Vogt

Reportagens

Um passeio pela nossa própria história

Rodrigo Cunha

O retrato das atividades no Brasil

Enio Rodrigo

A ciência sexy da TV

Luciano Valente

Divulgação feita por quem produz ciência

Fábio Reynol

Celira Caparica

O ato de divulgar como laboratório de formação

Chris Bueno e Susana Dias

Bastidores das pesquisas em percepção pública

Luiz Paulo Juttel, com colaboração de Adriana Lima

Artigos

Divulgação científica: considerações sobre o presente momento

Luisa Massarani

Exposições e museus de ciência no Brasil

Marcelo Knobel
Sandra Murriello

Educação em museus e divulgação científica

Martha Marandino

Desafios antigos e busca constante por respostas inovadoras

Michel Sitnik
Roseli de Deus Lopes

A visão dos estudos culturais da ciência

Maria Lúcia Castagna Wortmann

Portal giratório das biotecnologias de rua

Wenceslao Machado de Oliveira Jr

Televisão e divulgação científica

Denise da Costa
Oliveira Siqueira

As refotografias de Monica Mansur

Rosana Horio Monteiro

Artigo

As refotografias de Monica Mansur

Por Rosana Horio Monteiro

10/07/2008

Muitos artistas vêm se apropriando de imagens médicas, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, com a popularização das imagens de raios X. Num primeiro momento, a reflexão sobre esse mundo interior transparente representado por tais imagens é que orienta o trabalho de muitos artistas, como o inglês Francis Bacon, nos anos 50. Bacon utilizou um livro de radiologia – *Positioning in radiology* (1934), de Kathleen Clara Clark – como uma espécie de manual para a produção de algumas de suas obras, como *Head surrounded by sides of beef* (1954), em que o artista produz um corpo vivo em forma de carcaça tendo imagens de raios X como referência. Em 2000, a artista italiana Benedetta Bonichi produz “A Francis Bacon”, uma clara citação ao trabalho de Bacon, utilizando dessa vez imagens de raios X de fato.¹

A partir de meados dos anos 70, além das imagens radiográficas convencionais, outras digitalizadas, presentes no contexto médico já a partir dos anos 60, passam a ser apropriadas por alguns artistas. A imagem do corpo cosmeticamente perfeito, difundida principalmente pela mídia, e, em particular, o corpo da mulher, começa a ser questionada e uma produção em sua grande maioria realizada por mulheres propõe uma definição de autobiografia que expande as convenções sociais dominantes. No lugar do corpo sadio, entram os corpos doentes.

Assumindo a imagem médica como uma representação cultural, interessa-me entender de que maneira o saber científico é lido e reconfigurado através da arte. Assim, algumas perguntas orientam essa pesquisa: Como as imagens de raios X, de endoscopia, ultra-som, tomografias, entre outras, interagem com uma rede de interpretações culturais e são reutilizadas fora do contexto médico? Como os conceitos de público e privado são (re)significados? Como os corpos cientificamente medicalizados são (re)construídos no contexto artístico?

No Brasil, a artista carioca Monica Mansur é quem tem se dedicado mais regularmente à exploração de imagens médicas em seu trabalho como gravadora. Desde 1995, quando a artista realiza sua primeira exposição com obras produzidas a partir de raios X e impressas sobre esparadrapo e gaze, até mais recentemente com suas “paisagens cristais”, ou refotografias, como ela as chama, Monica explora as possibilidades de criação através da própria reprodução, discutindo a estética da repetição.

Refotografias são imagens refotografadas a partir de vários exames médicos e depois impressas. A artista fotografa a imagem que resulta do exame, a digitaliza, manipulando-a em seguida. Monica retira partes, aumenta ou diminui a luz, distorce, amplia, modifica o espaço físico. Em seguida, as imagens são impressas sobre diferentes suportes e meios, que vão do esparadrapo e a gaze, passando pelos acetatos impressos em grandes formatos, pela fotografia digital, experimentando a gravura tridimensional em placas acrílicas, e, finalmente, chegando à impressão serigráfica sobre acrílicos e espelhos. Em 1996, Monica se aproxima do vídeo, criando uma instalação com imagens em movimento do interior de estômagos e cólons humanos.²

O que predomina no trabalho de Monica Mansur são questões internas ao processo da gravura e à impressão. O centro de suas reflexões é a reprodução mecânica, são as possibilidades da imagem mediada. A artista não busca nas imagens médicas inspiração para o seu trabalho, mas parte dele próprio, numa analogia, por exemplo, entre o processo da gravura e os cortes dos planos tomográficos. Um exercício de metalinguagem.

As imagens com as quais Monica Mansur trabalha podem ser de seu próprio corpo como de outro qualquer; são não-identidades. Coletadas aleatoriamente³, podem ser imagens de pacientes que já faleceram, de doentes ou não. A desindividualização do sujeito contemporâneo é outro ponto presente no trabalho da artista. É o rastro sem nome do exame médico. “O olhar não identifica; o olho só lhe diz que aquilo é um ser humano”, afirma Monica. Se é homem ou mulher, velho ou moço, sem conhecimento médico especializado não é possível saber; são visões médicas e somente existem porque foram “imaginadas” através de uma máquina, seja ela uma câmera de vídeo

**Dispersões,
distenções e(m)
emoções: arte, ciência,
ser-á?**

Elenise Cristina Pires de Andrade
Érica Speglich
Alda Romaguera

**Eduardo Kac: uma
conversa com o artista**

Simone Osthoff
Tradução: Cristina Caldas

Resenha

**Por uma leitura crítica
da ciência**

Por Flavia Natércia

Entrevista

**Ciência, arte e
comunicação**

Entrevistado por

Poema

Arrevesamento

Carlos Vogt

com fibra ótica, um túnel com ondas magnéticas ou laser que laminam cortes transversais de órgãos e ossos.

Ao produzir realidades pseudofotográficas, a artista instiga a imaginação não contaminada com o vocabulário imagético incluído no repertório do observador, enfatizando as mudanças na visualidade do homem contemporâneo, geradas a partir da reprodutibilidade das imagens. Como Didi-Huberman (1998) afirma, "aquilo que vemos vale – vive – apenas por aquilo que nos olha"⁴. Não há imagens inocentes, nem tampouco olhos inocentes. Mais do que algo para ser contemplado, as imagens médicas são entendidas aqui como um texto a ser decifrado ou lido pelo espectador; como uma construção e um discurso, cujo acesso à realidade é mediado.

A popularização das imagens médicas em diferentes contextos midiáticos (cinema, televisão, propaganda etc) tem fornecido ao público leigo – os artista inclusive – um olhar que anteriormente era limitado ao olho especializado do médico, contribuindo para a criação de uma cultura dependente das imagens e das tecnologias que as produzem. Os processos de iluminação do interior do corpo humano, a transparência, passam a existir, então, como um produto cultural, um artefato cultural.

Os artistas, ao apropriarem-se dessas imagens médicas, definem uma nova noção de retrato, já que tradicionalmente o retrato lida com a fisicalidade exterior e aqui, mesmo quando se olha para o interior dos corpos, pode-se não saber o que se vê. Documentado em ambientes médicos e/ou científicos e transformado por esses artistas, esse tipo de trabalho traz uma nova visão do corpo ao público, questionando os significados de identidade. Esses artistas estão, além disso, visualmente representando e traduzindo questões científicas para o público leigo.

Afinal, o que se vê está inseparavelmente ligado e depende de como se vê. Assim, a questão que me interessa é muito mais como essas imagens médicas significam o que elas significam em diferentes contextos e não o que essas imagens realmente são.

Este artigo é um recorte do texto "Imagens médicas entre a arte e a ciência: relações e trocas", publicado na revista **Cinética**, no dossiê "Estéticas da biopolítica. Audiovisual, política e novas tecnologias", organizado por Ilana Feldman, André Brasil, Cezar Migliorin e Leonardo Mecchi. Essa publicação foi contemplada pelo Programa Cultura e Pensamento, do Ministério da Cultura, em 2007.

Rosana Horio Monteiro é mestre e doutora em política científica e tecnológica pela Unicamp. Professora do programa de mestrado em cultura visual da Universidade Federal de Goiás.

Notas

1 Ver www.toseeinthedark.it.

2 Para a visualização das obras da artista, visite www.monicamansur.com.

3 As imagens médicas usadas por Monica são, em geral, doadas por médicos que já conhecem o seu trabalho.

4 Didi-Huberman, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998.